



José Cardoso Pires

Às armas, canibais!

Ah, bons tempos em que as ditaduras militares eram um investimento de lucro limpo e continhas certas. Matava-se muito, é verdade, mas também se ganhava bastante. Depois vieram as ditaduras latrinas das Américas, com os generais que chacinavam civis desarmados e que fugiam miseravelmente (como nas Malvinas) dos exércitos que lhes aparecessem pela frente, incompetentes para administrar com imaginação e dignidade. Visto isso, a CIA e os investidores transnacionais voltaram-se para outros valores menos espantosos mas mais rentáveis. Ficou a África sofrida.

Ah, bons tempos em que as ditaduras militares eram um investimento de lucro limpo e continhas certas. Matava-se muito, é verdade (não há vida sem sacrifícios), mas também se ganhava bastante. Depois vieram as ditaduras latrinas das Américas, os sargentanas Batistas, os Pinochets de setenta estrelas e 400 mil crimes, os generais que chacinavam os civis desarmados e que fugiam miseravelmente (como nas Malvinas) dos exércitos que lhes aparecessem pela frente. E então tudo mudou. Como se sabe, a CIA e os investidores no mercado das ditaduras descobriram que os militares totalitários eram danados para matar em casa mas incompetentes para administrar com imaginação e dignidade — numa palavra, cidadãos povoados de mitos de pátria, de superstições religiosas e de complexos de classe. Visto isso, os investidores transnacionais voltaram-se para outros valores menos espa-

“UM CAPITÃO francês disse para um oficial da Guarda suíça:

— Vocês batem-se por dinheiro, nós batemo-nos pela honra.

— Cada um bate-se por aquilo que lhe faz falta — respondeu-lhe o suíço.”

Coronel Faulkes, chefe dos mercenários do Katanga

Mais um. Agora foi a vez do Níger. Em menos dum fósforo, mais um país caiu nas mãos dum militar e, já se sabe, adeus liberdade e viva a morte.

O assassino desta vez foi um tal coronel Mainassara, canibal de galões de ouro e especialista, desde 1974, em golpes de Estado e em recolheres obrigatórios para poder matar à vontade a partir do lusco-fusco. Dotado duma inteligência de caserna, não só suspendeu a Constituição como impôs o regime de censura; mas para dar um arzinho civilizado, substituiu a Assembleia da República por um Conselho de Sábios.

Conselho de Sábios? Desta nem o Pinochet Porco-Sujo alguma vez se tinha lembrado. Na verdade, o que será um conselho de sábios antropófagos, pergunta a curiosidade civil. Mais que prevenida contra as filantropias culturais castrenses, a UNESCO não foi nisso, a ONU condenou rapidamente o coronel e a França e os Estados Unidos retiraram imediatamente todas ajudas ao Níger.

Mainassara, coronel-canibal, ficou só. Só e à vontade para devorar até ao tuta-no os 6 milhões de analfabetos do seu país, mais os restantes dois milhões e meio que lhe sobejam, amigos incluídos.

ventosos mas mais rentáveis. Ditadores de quarentena (julgam-se eles), esses canibais de caserna estão hoje arrumados nas prateleiras da reserva como engenhos explosivos desactualizados. Não se apercebem de que, desde o conflito do Golfo, não servem sequer para figurantes da guerra-espectáculo ou da guerra-laboratório que está na viragem do nosso século.

Tudo isto é óbvio de mais. Mas serve para abordar os ditadores militares que, depois dos Pinochets, dos Espinosas ou dos Contreras da América Latrina, se circunscrevem nos dias de hoje à África sofrida. Ao Níger, às Comores, à Serra Leoa.

Chamam-lhes “gorilas” por isso. Mas mal. Porque no gorila há uma dignidade que os canibais de quartel desconhecem por inteiro e porque — eles, sim, os gorilas — trazem a África no coração. Como prova, recordo-me da admirável homenagem que alguém lhes prestou num anúncio deste jornal em 15/3/95. Para além de elogio fúnebre, vale aqui como uma acusação aos assassinos da liberdade que lhes tomaram o nome como um insulto. Transcrevo:

“Faleceu no Jardim Zoológico de Lisboa o mais surpreendente e acabado exemplar macho de gorila, Matias de seu nome, há mais de 25 anos prisioneiro de um espaço exíguo. Um diagnóstico não confirmado atribui-lhe uma encefalite como pretensa causa da morte. Deixou-se levar desta vida da mesma forma que, nos últimos tempos, se deixara ficar nela: fechado e louco. Morreu pelo Carnaval. Paz à sua África.”

Guerra aos canibais, acrescento eu. ●